

O DESTINO ERRANTE DE JOHN MILTON NA POESIA DE MACHADO DE ASSIS
THE ERRANT DESTINY OF JOHN MILTON IN THE POETRY OF MACHADO DE ASSIS

Luiz Fernando Ferreira Sá*

Pós-doutorado em Literatura na PUC-Minas
Professor da Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: saluiz18@gmail.com
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Miriam Piedade Mansur Andrade

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professora da Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: miriammansur@terra.com.br
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

*Endereço: Luiz Fernando Ferreira Sá

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Departamento de Línguas Anglo-Germânicas, Av. Antonio Carlos 6627, Pampulha, CEP- 31270-901, Belo Horizonte, MG – Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 07/08/2014. Última versão recebida em 27/08/2014. Aprovado em 28/08/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer um breve exame do destino errante de John Milton, poeta inglês do século XVII, na poesia de Machado de Assis. A presença/ausência miltoniana será analisada pelo viés da “destinerrance”, um termo cunhado pelo filósofo Jacques Derrida, que con-funde destino, herança e errância. Isto é, a constituição da poesia machadiana está (in)certamente ligada, não tão somente a William Shakespeare – o bardo de Stratford-upon-Avon --, mas também a outro amigo inglês do bruxo do Cosme Velho: John Milton.

Palavras-chave: Influência. Machado de Assis. John Milton. Destinerrance. Derrida.

ABSTRACT

The objective of this paper is to briefly survey the errant destiny of John Milton, a 17th-century English poet, in the poems of Machado de Assis. This presence/absence of Milton will be analysed through a new pathway of influence – Destinerrance – that is, a word coined by the philosopher Jacques Derrida. In other words, the oeuvre of Machado de Assis is linked, not only to Shakespeare – the English Bard --, but also to another English friend of the “Bruxo do Cosme Velho”: John Milton.

Keywords: Influence. Machado de Assis. John Milton. Destinerrance. Derrida.

A presença/ausência miltoniana nos poemas de Machado de Assis será analisada nos seguintes sentidos: conjunto de textos supostamente fatais, ligados a um fado, concatenados por sorte e para um fim com desígnio incompleto; aquilo que se herda (criticamente), o que se transmite em termos de hereditariedade (poética); do texto que vagueia, erra, percorre vias ao acaso e de forma incerta. Nas palavras de Derrida, “destinerrance” parece ser sempre uma inadequação necessária, “o que é preciso, se você preferir, é que aquela *inadequação* deve permanecer *sempre possível* para que a noção de interpretação em geral e a dobra crítica sejam possíveis. Aqui está um exemplo da lei que liga o possível ao impossível. Uma interpretação sem falhas, ou uma totalmente adequada ‘autocompreensão’, marcaria o fim de uma história desgastada por sua própria transparência. Ao apagar o futuro, elas tornariam tudo *impossível*, tanto o evento quanto o porvir do outro, o porvir em direção ao outro”.ⁱ Em suma, ler Machado lendo Milton e, em consequência, ler respondendo criticamente, ler o próprio sim da d/obra, ler o sim como dobra.

O universo poético de Machado de Assis é muito amplo, porém o escopo desse artigo ficará concentrado nos poemas publicados na coletânea *Poesias Completas* (1901), na qual suas obras *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais* foram recolhidas. É importante ressaltar que, às vezes, as citações não serão diretas a John Milton, mas com base na análise do destino, herança e errância das mesmas, a presença/ausência de Milton pode ser notada.ⁱⁱ O sentido de “destinerrance” discutido neste artigo envolve a consideração das referências concretizadas pelo autor, mas que são marcadas, muitas vezes, na função de sua ausência. Dessa forma, com base nos traços da escrita poética machadiana, poder-se-á sugerir que Machado de Assis foi leitor de John Milton.ⁱⁱⁱ

Partindo da tentativa de estabelecer pontos de contato entre a escrita poética desses dois autores, seguiremos na análise da primeira coleção de poemas publicada por Machado de Assis, *Crisálidas* (1864). O poema “O Dilúvio” aparece como exemplo de uma complementação narrativa à passagem do Gênesis da Bíblia. Porém, seria esse poema uma complementação do Gênesis ou se reportaria a outra obra que já havia estabelecido uma relação de complementaridade com esse livro da Bíblia? Esta colocação é pertinente, pois *Paradise Lost*, aclamado pela crítica como uma reescrita do Gênesis, apresenta o que Machado de Assis sugere em seu poema “O Dilúvio”. Nas passagens do dilúvio em *Paradise Lost*, Adão vê antecipadamente todo o mal que afligiria os seus descendentes na sua condição pós-queda. A visão de Adão demonstra toda a tensão do mal que estava por vir e está retratado em *Paradise Lost* e no poema de Machado de Assis com uma correspondência bastante relevante. Vejamos:

Cheio de amor solícito,
O olhar da divindade,
Vela os escapos náufragos
Da imensa aluvião.
Assim, por sobre o túmulo
Da extinta humanidade
Salva-se um berço; o vínculo
Da nova criação.

Íris, da paz o núncio
O núncio do concerto,
Riso do Eterno em júbilo,
Nuvens do céu rasgou;

...E ao som de nossos cânticos,
Ao fumo do holocausto
Desaparece a cólera
Do rosto do Senhor^{iv} (31).

Far less I now lament for one whole world
Of wicked sons destroyed than I rejoice
For one man found so perfect and so just
That God vouchsafes to raise another world
From him, and all his anger forget.
But say, what mean those coloured streaks in Heaven,
Distended as the brow of God appeased^v (XI. 875-880).

Menos lamento o estrago do Orbe inteiro
Por meus perversos filhos habitado,
Do que folgo por ver que achou o Eterno
Um tão amável homem, tão virtuoso,
Por quem criar se digna um novo Mundo
E seus furores ocultar no olvido.
Porém ... que indicam as listradas cores

Que, pelo Céu arqueadas, mostram visos
 Dos sobrolhos do Eterno serenado? (XI. 1042-1050)

A referência bíblica não faz nenhuma alusão ou comparação à face de Deus em paz. O alívio da cólera divina é uma passagem bíblica, mas a forma de júbilo na demonstração do rosto do Eterno é uma cena de Milton. A colocação acerca da criação de um novo mundo também distancia as citações acima da passagem bíblica. Na Bíblia, Deus pede a Noé, seus familiares e a todos os animais sobreviventes para ser fecundos, para multiplicarem-se, para povoarem a terra e a dominarem^{vi}, mas não menciona os termos “nova criação” ou “criação de um mundo novo”. Assim, podemos observar os traços da herança poética da alusão bíblica de Milton sendo representados no poema machadiano.

Outro poema de *Crisálidas* que faz referência a uma descrição do poema épico de Milton é “Quinze Anos”. A epígrafe do poema já faz uma menção à bela Eva como flor do Éden. A mesma comparação aparece em *Paradise Lost* quando Eva é vista por Satã com a sua trança de flores, sua forma angelical que a torna a beleza maior do paraíso. Mas, as palavras de Alfred de Musset são apenas a introdução do poema e foram colocadas talvez com o interesse de abrir uma porta de comparação entre a “pobre criança”, em suas “quinze primaveras”, com a inocência angelical de Eva. Ao longo do poema não há uma referência direta a Eva como na epígrafe, mas a descrição da pureza da criança também pode ser assimilada com a feita por Milton à Eva do paraíso, como abaixo:

Pouco antes, a candura,
 Co’as brancas asas abertas,
 Em um berço de ventura
 A criança acalentava
 Na santa paz do Senhor; (41)

This flowery plat, the sweet recess f Eve
 Thus early, thus alone; her heavenly form
 Angelic, but more soft and feminine,
 Her graceful innocence (IX, 456-459)

Tão ameno retiro, a amável Eva
 Assim madrugadora, assim sozinha.

Da bela o empíreo gesto como o de anjo
Mas de mais fino talhe e mais brandura,
A engraçada inocência, as ações todas (IX, 540-544)

Apesar das citações não seguirem com palavras equivalentes em significado, o sentido geral da passagem sobre a candura, inocência e entrega de ambas as figuras é de grande conexão. A ligação, porém, faz-se mais clara na última estrofe do poema de Machado de Assis, onde a candura e a inocência são perdidas e aparece assim a figura da criança entregando-se ao momento da perda da pureza e conseqüente distanciamento de Deus. Essa cena se encontra também no poema de Milton, quando Eva é a primeira responsável pela perda da inocência do paraíso e a subsequente perda do próprio paraíso, resultando num afastamento dos braços de Deus.

Criança, verás o engano
E o erro dos sonhos teus;
E dirás, - então já tarde,
Que tais gozos não vale
Deixar os braços de Deus (41).

São muitas as passagens de *Paradise Lost* acerca do erro, da queda de Adão e Eva. Erro o qual foi precedido de um sonho em que Eva recebia a tentação de Satã. Após todas as implicações da queda vem a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, o que, como colocado acima, é na verdade um afastamento de Deus. Apesar das passagens do poema épico não apresentarem linhas tão curtas, essa estrofe de Machado parece resumir o momento da perda da inocência e a conseqüente pós-queda culminada pelo distanciamento do divino.

Falenas (1870), segundo livro de poesias publicado por Machado de Assis, conta com 28 poemas, dentre os quais, os dois últimos e mais longos abrem uma ligação intertextual com as obras de Milton. Uma das vertentes de comparação é um constante uso dos mitos clássicos na escrita desses dois autores. Os dois poemas são também de cunho narrativo, o que pode ser considerado outro ponto comum entre o poema épico inglês e alguns poemas de Machado.

O poema “Uma Ode de Anacreonte” é o texto de Machado de Assis que traz à luz os mitos gregos. O universo clássico dos mitos gregos e romanos, os mesmos que aparecem em *Paradise Lost*, são encontrados nesse poema de Machado de Assis. As figuras mitológicas

chamadas à cena nesse poema são: Aquiles, Vênus, Apolo, Górgones (Medusas), Mercúrio (Hermes), Ceres, Baco, Circe e As Horas Belas. As mesmas figuras mitológicas em *Paradise Lost* aparecem nos livros II, III, IV, VII, e IX. Esses mitos figuram como herança dos clássicos na leitura de Milton, herança essa relida por Machado e incorporada ao “fado” herdado pelo poeta brasileiro.

O segundo poema a ser analisado é “Pálida Elvira”. Nesse poema, as implicações do amor entre uma jovem inocente e um poeta experiente são comparadas aos dramas do ser humano. A Bíblia, *Romeu e Julieta*, *Dom Quixote*, são textos que aparecem para compor o objeto narrativo do poema. Os vestígios de *Paradise Lost* nesse poema estão na parte XLVI, quando o casal prepara-se para os seus últimos encontros antes de suas bodas.

Com amores sonhava, ideal formado
De celestes e eternos esplendores
A ternura de um anjo destinado
A encher-lhe a vida de perpétuas flores.
Tinha-o, enfim, qual fora antes criado
Nos seus dias de mágoas e amargores;
Madrugavam-lhe n’alma a luz e o riso;
Estava à porta enfim do paraíso (187).

A descrição do casal é similar ao sonho do primeiro encontro de Adão e Eva no Jardim do Éden, seguida da passagem final do casal e a sua expulsão do paraíso, quando ambos preparam-se para a união eterna, longe da casa do Pai.

Such as I saw her in my dream, adorned
With what all Earth or Heaven could bestow
To make her amiable.
[...] Grace was in all her steps, Heaven in her eye,
In every gesture dignity and love (VIII. 484-489).

They, looking back, all the eastern side beheld
Of Paradise, so late their happy seat,
[...] With dreadful faces thronged and fiery arms:
[...] They, hand in hand, with wandering steps and slow,

Through Eden took their solitary way (XII. 641-649).

No entanto, quando menos a esperava,

Não longe a vi, tal como a vira em sonhos

Adornada de quanto o Céu e a Terra

Para fazê-la amável possuíam.

[...] Nos olhos traz o Céu, no andar as graças,

O amor e o brio nas maneiras todas (VIII. 591-600).

Olhando para trás então observam

Do Éden (há pouco seu ditoso asilo)

[...] Diante deles estava inteiro o Mundo

[...] Vagarosos lá vão com passo errante

Afastando-se do Éden solitários (XII. 804-816).

O noivo do poema de Machado de Assis, em passo errante, pode ser comparado ao Adão de Milton, como as passagens acima demonstram. Com o amor da criação feminina ele sonhava, tal criação veio como um anjo destinado, adornada com esplendores celestes e eternos e assim encheu o paraíso de Adão com as flores da beleza feminina. Adão teve, depois da queda, seus dias de mágoas e amargores, resultando, pois, na sua presença à porta do paraíso para depois deixá-lo.

Americanas, coleção publicada em 1875, conta com a metade de poemas dos outros livros de poesia de Machado de Assis. O poema em foco é “A Cristã Nova,” que retrata, mais uma vez, a cena de um casal enamorado preparando-se para as suas bodas. Porém, nesse poema, o drama da personagem feminina, Ângela, supera as celebrações provenientes de sua futura união. As dores de Ângela vêm do sofrimento de seu pai, visto que seu pai, já idoso, encontra-se nos seus últimos dias. Toda tentativa de Ângela em buscar consolo ou luz para as sombras de seu infortúnio parece invocar mitos e cenas de outros dramas; na maioria deles, dramas já conhecidos do leitor machadiano.

Em uma dessas tentativas, a presença de uma cena de *Paradise Lost* se faz marcante. A passagem do poema machadiano é relacionada à angústia e ao dissabor dos judeus como um exemplo da tristeza de Ângela. Nessa passagem, o pai de Ângela, em sua fase terminal, sempre descrevendo a sua ruína, tenta mais um suspiro de força e lembra um salmo antigo:

Junto aos rios da terra amaldiçoada

De Babilônia, um dia nos sentamos,
Com saudades de Sião amada.

Me não lembra-te de ti, se a grande e santa
Jerusalém não for minha alegria
Melhor no meio de miséria tanta.

[...] Oh! Lembra-lhes, Senhor, aquele dia
Da abatida Sião, lembra-lho aos duros
Filhos de Edom, e à voz que ali dizia (240).

Comparando a invocação do salmo antigo com a primeira cena de *Paradise Lost*, temos uma semelhança relevante:

Of Man's first disobedience and the fruit
Of that forbidden tree whose mortal taste
Brought death into the world and all our woe,
[...] If Sion hill
Delight thee more, and Siloa's brook that flowed
Fast by the oracle of God (I. 1-12).

Do homem primeiro canta, empírea Musa,
A rebeldia – e o fruto, que, vedado,
Com o seu mortal sabor nos trouxe ao Mundo
A morte e todo o mal da perda do Éden,
[...] Ou mais te agrada Sião e a clara Síloe
Que mana ao pé do oráculo do Eterno? (I. 1-13)

O salmo lembrado pelo pai de Ângela é similar à evocação à musa inspiradora no início do poema épico. No poema de Milton, o Monte Sião é o local que compõe a cena de onde Moisés clamava a presença divina, assim como relatado nos salmos antigos de Daniel. Outro aspecto da passagem do poema épico é a alusão às águas de Síloe, local onde Jesus havia curado um homem cego.^{vii} Temos, então, nos dois poemas, referências aos salmos antigos, presença do mal que traz a dor e precisa da lembrança do Eterno para enviar a Sua

luz, a busca pela cura desse mal, locais semelhantes; em síntese, apesar das palavras em errância, a herança das passagens é a mesma.

Ocidentais é a última coleção incluída nas *Poesias Completas* de Machado de Assis e conta com 28 poemas, dos quais, 24 são poemas machadianos e os outros textos, traduções feitas por Machado de Assis. Dentre as quatro traduções, duas são de clássicos da língua inglesa, como “O Corvo” de Edgar Allan Poe, e o solilóquio de Hamlet de William Shakespeare. Pode-se afirmar que esse volume é a coletânea de Machado com mais representantes de língua inglesa.

Iniciaremos pelo poema “Uma Criatura”. Esse poema tem oito estrofes das quais sete descrevem a criatura. Para um leitor de Milton, a associação com a figura da Morte de *Paradise Lost* é quase imediata, levando-se, obviamente, em consideração os adjetivos utilizados por Machado de Assis para a descrição da criatura. Além disso, a ironia machadiana encerra a dúvida do leitor trazendo a posição, talvez, do próprio autor acerca da criatura, provavelmente herdada das palavras de Milton. Ao sugerir que a criatura anteriormente descrita é outra e que o leitor “dirás que é a Morte; eu direi que é a Vida”, Machado, como Milton, desloca o sentido de morte/vida, surpreende o leitor e provoca a releitura de seu poema. O leitor, seja um estudioso de Milton ou não, retorna às estrofes anteriores para ter a certeza de que os adjetivos usados podem ser aplicados à vida. A dúvida resta, o poema acaba e para o leitor o fim está longe de ser alcançado. A citação do poema épico de Milton ilustra a con-fusão no sentido morte/vida:

A universe of death, which God by curse
Created evil, for evil only good;
Where all life dies, death lives...(II. 623-625)

Lá do Eterno a justiça vingadora
Fez para bem o mal que os maus castiga, --
E (que horror!) morre a vida, e vive a morte! (II. 784-786).

O retorno à criatura faz-se necessário para traçarmos outros pontos de semelhança/diferença com a criatura de Milton: a Morte. Como referido anteriormente, os adjetivos direcionados à explicação da criatura são muito parecidos. A forma como a Morte é personificada em *Paradise Lost* torna a passagem uma das mais perturbadoras do poema.

The other Shape –
 If shape it might be called that shape had none
 Distinguishable in member, joint, or limb,
 Or substance might be called that shadow seemed,
 For each seemed either – black it stood as Night (II. 666-670).

O outro fantasma, em que não é possível
 Distinguir as feições, julgar dos membros,
 Substância informe, escurecida sombra,
 Tem o aspecto da Noite, o horror do inferno (II. 832-837)

Em outra passagem, a descrição da Morte continua:

Where I reign king, and to enrage thee more,
 Thy king and lord? Back to thy punishment,
 False fugitive, and to thy speed add wings,
 Lest with a whip of scorpions I pursue
 Thy lingering, or with one stroke of this dart
 Strange horror seize thee (II. 698-703).

Onde eu sou rei, onde eu (freme de raiva!)
 Sou teu rei, teu senhor?... Volta aos tormentos,
 Volta depressa, desertor falsário,
 Senão... já vou pungir tua demora
 Co'um látego de serpes assanhadas,
 Ou deste dardo co'o estranhado golpe
 A par do qual é nada o horror do Inferno (II. 869-875).

E na última passagem:

I fled, and cried out, *Death!*
 Hell trembled at the hideous name, and sighed
 From all her caves, and back resounded *Death!*
 I fled; but he pursued (though more, it seems,
 Inflamed with lust than rage), and swifter far,
 Me overtook, his mother, all dismayed,

And, in embraces forcible and foul
 Engendering with me, of that rape begot
 These yelling monsters, (II. 787-795)

Assim que o vejo, grito *Morte!* E fujo:
 A tão horrível nome o Orco estremece
 E por suas cavernas ribombando,
 Pavoroso repete *Morte! Morte!*
 Fujo, mas para mim corre o fantasma
 (Creio que mais lascivo do que iroso);
 Veloz me apanha, -- e sem horror, sem pejo,
 A mim, própria mãe sua, espavorida,
 Em torpe abraço cinge-me por força:
 Gerei do feio rapto estes, que observas,
 Tétricos monstros [...]
 De mim saindo e entrando de contínuo,
 Devorando-me as vísceras trementes, (II. 997-991)

Comparemos agora com as estrofes da criatura machadiana:

Sei de uma criatura antiga e formidável,
 Que a si mesma devora os membros e as entranhas,
 Com a sofreguidão da fome insaciável.

Habita juntamente os vales e as montanhas;
 E no mar, que se rasga à maneira do abismo,
 Espreguiça-se todas em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo
 Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
 Parece uma expansão de amor e egoísmo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,
 Gosta do colibri, gosta do verme,

E cinge ao coração o belo e o monstruoso.

[...] Pois essa criatura está em toda a obra:

Cresta o seio da flor e corrompe-lhe o fruto;

E é nesse destruir que as forças dobra (300-301).

A Morte de Milton está contida na criatura de Machado de Assis: a maldade, a força, a forma, o despotismo, a escuridão. Podemos afirmar que a criatura de Machado é a Morte de Milton: Cresta o seio da flor (Eva) e corrompe-lhe o fruto (queda). Existe nessas comparações, então, um diálogo entre o poema de Machado de Assis e a obra de Milton numa esfera elevada, ambos discutem as representações e os assombros da morte na vida humana.

Para finalizar, o poema “1802-1885”, aparentemente, sugere mais um afastamento que uma aproximação de Milton. Com a ajuda de Victor Hugo e depois de uma descrição dos grandes personagens que escreveram a “eterna vida”, Machado encerra a primeira estrofe: “E, para coroar esses nomes vibrantes, Shakespeare, que resume a universal poesia”. Como houve um encerramento, afinal Shakespeare coroa a lista dos vibrantes e resume a poesia universal, não haveria a necessidade de outra estrofe. Entretanto, uma estrofe curta, de apenas quatro linhas, contra as outras 20 da primeira estrofe, parece significar que o fim da lista sugerida com o nome de Shakespeare, na verdade, não chegara ao fim. E assim é a estrofe:

E agora ele aí vai, galgando a eterna morte,

Pega a História da pena e na página forte,

Para continuar a série interrompida,

Escreve o nome dele, e dá-lhe a eterna vida (322).

Quem é ele? Quem vai galgando a eterna morte? A resposta imediata é Victor Hugo, mas de acordo com a nossa análise do poema “A Criatura”, quem conversa com Machado sobre a morte/vida é Milton. Dentro dessa perspectiva, a lista dos vibrantes é interrompida, mas o intervalo traz à luz outro nome, que segue assim o seu diálogo com Machado de Assis, escreve o nome dele e marca a sua eterna vida. “Para continuar a série interrompida” em Shakespeare e localizada no entre-lugar da morte e da eterna vida, a relação entre Machado e Milton só pode ser pensada como “destinerrance” em ação. O destino da obra, a herança da tradição e a errância do texto nos remetem às nada nítidas margens do poema. O que sobra

nessa nossa dobra crítica é a já e sempre interrompida série, seja ela da história ou da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, I. Pascal atravessado por um olhar oblíquo: o jeito machadiano de ler um clássico. In: Anais do III Seminário Internacional de História da Literatura. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, agosto de 2000, p. 91-100.

BOSI, A. *et al.* **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

----- **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.

----- **Brás Cubas em três versões: estudos machadianos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CALDWELL, H. **The Brazilian Othello of Machado de Assis**. Berkeley: University of California Press, 1960.

----- **Machado de Assis: the Brazilian master and his novels**. Berkeley: University of California Press, 1970.

CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CLARO, S. M. da S. Aspectos da presença de Shakespeare no Rio de Janeiro (1939-1908); **Repercussões na Crônica de Machado de Assis**. Tese. São Paulo: USP, 1982.

DERRIDA, J. *Paper machine*. Trad. Rachel Bowlby. Stanford: Stanford University Press, 2005.

DOUGLASS, E. H. **Machado de Assis's 'A cartomante': modern parody and the making of a 'Brazilian' text**. *MLN*, v. 113, n. 5, dezembro 1998 (Comparative Literature Issue). p. 1036-1055.

GOMES, E. **Machado de Assis; influências inglesas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

HANSEN, J. A. *Dom Casmurro: simulacrum and allegory*. In: **Machado de Assis. reflections on a Brazilian master writer**. Ed. Richard Graham. Austin: University of Texas Press, 1999.

JOBIM, J. L. ed. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks /Academia Brasileira de Letras, 2003.

LEAL, C. (org.). **Toda a Poesia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

MERQUIOR, J. G. **Gênero e estilo nas Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Colóquio/Letras, Lisboa, p. 12-20, 1972.

MILTON, J. **The Portable Milton**. Londres: Penguin, 1976.

----- **O paraíso perdido**. Tradução por Antonio José Lima Leitão. São Paulo: Gráfica e Editora Brasileira Ltda., 1956.

PARAM, C. Jealousy in the novels of Machado de Assis. **Hispania**, v. 53, n. 2, 1970.

PASSOS, J. L. Othello and Hugo in Machado de Assis. In: **Latin American Shakespeares**. Madison: Fairleigh Dickinson University Press, 2005. p. 166-182.

ROCHA, J. C. de C. **The author as plagiarist – the case of Machado de Assis**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2006.

ROUANET, S. P. **Machado de Assis e a subjetividade shandean**. Oxford: Centre for Brazilian Studies, 2005.

SCHWARZ, R. **A Master on the periphery of capitalism**. Trad. e intro. John Gledson. Durham: Duke UP, 2001.

----- **Seqüências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

----- **Misplaced ideas. Essays on Brazilian culture**. Ed. e intro. John Gledson. Londres: Verso, 1992.

SÜSSEKIND, F. Machado de Assis e a musa mecânica. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

VASCONCELOS, S. G. T. Hamlet the Brazilian way (Machado, reader of Shakespeare). **Portuguese literary & cultural studies**, v. 13/14, 2005, p. 129-138.

VILAR, B. W. **Escrita e leitura: citação e autobiografia em Murilo Mendes e Machado de Assis**. Tese. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

ⁱ DERRIDA, 2005, p. 89. Nossa tradução. Texto em inglês: “What is needed, if you prefer, is that *inadequation* should remain *always possible* in order that interpretation in general, and the reply, be *possible* in its turn. Here is an example of this law linking the possible and the impossible. For a faultless interpretation, a totally adequate self-comprehension, would not only mark the end of a history exhausted by its very transparency. By ruling out the future, they would make everything *impossible*, both the event and the coming of the other, coming to the other”.

ⁱⁱ Sobre a relação entre Machado e Milton, ver: SÁ, MANSUR, 2008. Vejam-se as contrapartidas teórico-críticas de alguns estudos sobre Shakespeare e/m Machado de Assis: BARBIERI, 2000; CALDWELL, 1960, 1970; CLARO, 1982; DOUGLASS, 1998; GOMES, 1976; HANSEN, 1999; JOBIM, 2003; MERQUIOR, 1972; PARAM, 1970; PASSOS, 2005; ROCHA, 2006; ROUANET, 2005; SCHWARZ, 2001, 1999, 1992;

SÜSSEKIND, 1993; VASCONCELOS, 2005; VILAR, 2001.

ⁱⁱⁱ Em pesquisa no acervo machadiano da Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, constatamos que Machado de Assis possuía três volumes de coletânea da obra de John Milton; incluindo os poemas épicos e poemas curtos.

^{iv} Todas as referências aos poemas de Machado de Assis serão retiradas desta edição e aparecerão com o(s) número(s) da(s) página(s) em parênteses: LEAL, Cláudio (org.). *Toda a Poesia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

^v As citações ao poema épico, *Paradise Lost*, serão colocadas em duas versões, sendo a primeira em inglês e a segunda na versão traduzida para a língua portuguesa, conforme as referências das edições usadas, respectivamente: MILTON, John. *Paradise Lost*. Londres: Penguin Popular Classics, 1996. MILTON, John. *O Paraíso Perdido*. Tradução por Antônio José Lima Leitão. São Paulo: Gráfica e Editora Brasileira Ltda., 1956. As mesmas virão, quando necessárias, após as referências dos poemas machadianos e terão, entre parênteses, o número do livro em algarismo romano, seguido do(s) número(s) da(s) linha(s).

^{vi} Gênesis 9. 7-8.

^{vii} Notas de explicação presentes na edição de *Paradise Lost* utilizada nessa pesquisa, páginas 6 e 7, respectivamente.